

Letramentos e culturas juvenis: tecnologias, experiências sociais contemporâneas e as diferentes leituras do mundo

Alexandre Barbosa Pereira¹

Quem não quer brilhar, quem não? Mostra quem.
Ninguém quer ser coadjuvante de ninguém

Racionais Mc's, *Da ponte pra cá*

A cena é cada vez mais comum nas mais diferentes modalidades e instituições de ensino: o professor escreve na lousa a lição que deveria ser copiada por seus estudantes, que, em vez disso, preferem fotografar a lousa. Aplicam, assim, as inovações tecnológicas a seu favor para tentar minimizar o monótono esforço de copiar a lição e, desse modo, ganhar mais tempo livre para poder conversar, paquerar, zoar ou mesmo explorar algumas das múltiplas funções de seus *smartphones*. Cenas como essas revelam uma série de transformações que afetam direta ou indiretamente o cotidiano escolar e as suas práticas de letramento.

Uma primeira constatação a ser ressaltada refere-se às dissonâncias que as novas tecnologias geram ao entrar no cotidiano das escolas e, inevitavelmente, confrontar-se com aquela realidade e com a prática docente. O ingresso das tecnologias, principalmente hoje, pelos *smartphones* e, mais recentemente, pelos *tablets* dos estudantes, contribui, em primeiro lugar, para introduzir o mundo externo ou alheio à escola. Não são apenas os aparelhos de telefone com seus múltiplos recursos que entram nas escolas, mas todo um universo multimidiático com o qual a escola sabe lidar muito pouco e, quase sempre, de forma desajeitada. Logo ela que se formou historicamente a partir de um grande zelo pelo estabelecimento de fronteiras rígidas com o mundo exterior.

Em minha pesquisa de doutorado, realizada com base em escolas públicas em bairros das periferias de São Paulo (PEREIRA, 2010), tento demonstrar como o fechamento atual das escolas, principalmente das públicas voltadas majoritariamente aos jovens pobres,

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Campus Baixada Santista. Doutor em Antropologia Social. Contato: alebp1979@gmail.com.

revelam um grande descompasso desses estabelecimentos de ensino com as realidades sociais dos jovens na contemporaneidade. Em outra reflexão (PEREIRA, 2012), procuro discutir como a escola – pensada como o rito de passagem prolongado de nossa sociedade, pois tenta preparar as crianças e jovens para se formarem adultos, cidadãos e/ou trabalhadores – tem cada vez mais falhado ou encontrado enormes dificuldades em cumprir com essa sua tarefa, contentando-se com a proteção das passagens pela implementação de inúmeros e muito bem trancados portões, muros altos, grades, fechaduras e os mais diversos dispositivos de fechamento físico do prédio escolar à realidade exterior. É quase impossível adentrar um prédio desses fora do horário prévio estipulado de entrada e saída.

Contudo, apesar dos inúmeros dispositivos de trancamento, segurança e vigilância, os *smartphones* entram e não apenas fisicamente, mas embutidos ou adicionados nas novas formas de se compreender a sociedade atual e mesmo de relação com o conhecimento, a aprendizagem e o letramento. Os acessórios tecnológicos adentram as escolas incorporados aos modos de os jovens verem e experimentarem o mundo na contemporaneidade. Os itens tecnológicos tornam-se, eles próprios, porção fundamental das técnicas corporais juvenis, das formas de disporem seus corpos e sentidos. As novas tecnologias da comunicação e da informação não apenas produzem outras formas de conhecimento, como também proporcionam diferentes modos de pensar, com as quais organizar o pensamento. Falamos aqui, portanto, de novas formas de letramento. Muitos professores têm refletido sobre a possibilidade de incorporar essas novas tecnologias no cotidiano escolar, a fim de obter conhecimento e mesmo de organizar as tarefas escolares. Entretanto, lembrou-me recentemente um professor, em curso de formação para docentes de uma escola pública de um bairro da periferia de São Paulo, que a controvérsia do telefone celular nas salas de aula foi tão grande que se criou, em 2007, uma lei estadual proibindo o uso desses aparelhos nas escolas. Tramitava ainda em 2012 projeto de lei federal visando proibir o uso de telefones celulares em todas as escolas do país.

Essa proibição revela um aspecto mais profundo da desestabilização que não só os telefones celulares, mas também as diversas outras tecnologias da informação, do entretenimento e da comunicação, provocam nas relações educativas. Essas tecnologias alteram substancialmente as relações de autoridade de nossa sociedade. Nos anos 1980, Neil Postman (1999), por exemplo, já defendia, em **O desaparecimento da infância**, a

televisão como um elemento desestabilizador da autoridade adulta, na medida em que tal tecnologia de comunicação revelaria segredos antes restritos aos adultos, por um lado, e desvalorizaria a importância da escrita, por outro. O fato é que não apenas os telefones celulares, mas também os jogos eletrônicos, a internet e suas infinitas possibilidades, a produção cultural de massa, as expressões culturais juvenis e mesmo a televisão afetam profundamente as relações dos estudantes com a escola, em seu modo tradicional de organizar-se e organizar o conhecimento.

Autores como Bill Green e Chris Bigum (1998), discutem as novas formas de inserção dos jovens no ambiente de ensino e os denominam como “alienígenas na sala de aula”. Eles defendem o surgimento uma nova geração com uma constituição radicalmente diferente: “o sujeito-estudante pós-moderno”.

A construção social e discursiva da juventude envolve um complexo de forças que inclui a experiência da escolarização, mas que, de forma alguma, está limitada a ela. Entre essas forças e fatores estão os meios de comunicação de massa, o *rock* e a cultura da droga, assim como várias outras formações subculturais. Até o momento, entretanto, educadores/as, professores/as, pesquisadores/as e elaboradores/as de políticas não têm considerado essas perspectivas e questões como sendo dignas de atenção (GREEN; BIGUM, 1998, p. 210).

A influência dos produtos tecnológicos na conformação do que Green e Bigum denominaram como juventude pós-moderna seria tão grande que os autores se servem da metáfora do “ciborgue” para designá-la. Com essa metáfora, eles sugerem uma relação de forte contiguidade entre os jovens e sua porção máquina, representada pelos aparelhos de comunicação e entretenimento. Em resumo, Green e Bigum expõem que “a partir do nexo entre a cultura juvenil e o complexo crescentemente global da mídia está emergindo uma formação de identidade inteiramente nova” (GREEN; BIGUM, 1998, p. 214).

Claro que esse tipo de reflexão não faz sentido apenas para os jovens, pois, nos últimos tempos, os indivíduos das mais diferentes idades apresentam-se cada vez mais atrelados às suas porções máquina. Cabe ressaltar também que essa relação homem/máquina não é nada nova. Não podemos nos esquecer da intrincada e íntima relação que a sociedade ocidental industrializada estabeleceu com o automóvel. Contudo, não é possível desconsiderar também o que Pierre Lévy (1999), importante estudioso da

internet e da cibercultura, disse sobre as relações desses novos equipamentos com a juventude e vice-versa. Esse autor evidencia o protagonismo da juventude metropolitana escolarizada na emergência do ciberespaço, demonstrando como pela primeira vez na história são os mais jovens quem detêm, de modo geral, maior conhecimento de uma importante inovação tecnológica.

Carles Feixa (2004), estudioso das práticas culturais juvenis, trará como denominação para a juventude contemporânea, a expressão “geração @”. O termo diz respeito, segundo ele, a três tendências das relações culturais juvenis na atualidade: certa universalização do acesso às tecnologias do conhecimento e da informação; o esmorecimento das divisões tradicionais entre os sexos e os gêneros; e um processo de globalização cultural que teria como consequência novas formas de exclusão social em escala planetária. Já para outra autora, Regina Novaes, o ciberespaço seria mais uma agência de socialização dos jovens e não ultrapassa os domínios das instituições tradicionais de socialização dos jovens.

Houve uma ampliação das agências socializadoras da juventude que extrapolam o âmbito da família e da escola, implicam o aumento do espaço de influência dos meios de comunicação e a presença da internet. A inovação tecnológica tem aproximado jovens de mundos diferentes (NOVAES, 2006, p. 119).

Percebe-se, portanto, que a questão da relação entre juventude e tecnologias da informação, comunicação e entretenimento não pode ser vista nem de um ponto de vista absolutamente pessimista, nem como a salvação da educação. Mais do que endear ou condenar as tecnologias, apresenta-se como cada vez mais necessária a elaboração de reflexões sobre tais elementos, pois é fato que os jovens já formam suas subjetividades em constante interação com as novas tecnologias, conforme destacam autores como Paula Sibilia (2004) e Davi Le Breton (2003). De modo que temos de atentar para a questão de que se, por um lado, há esse panorama, aqui apresentado, sobre o que as tecnologias propiciaram de repertório de comunicação e atuação para os jovens na atualidade, por outro, devemos também abordar o que os jovens fazem com os novos conteúdos e formas propiciados pela inovação tecnológica no campo da informação, comunicação e entretenimento. Trata-se, portanto, de pensar as diferentes formas de letramento que os

jovens elaboram com a escola, sem a escola e para muito além da escola. Letramento aqui entendido muito mais como prática social e leitura do mundo, do que apenas como alfabetização, conforme a discussão feita por Angela Kleiman (1995).

Parece-me cada vez mais fundamental que a escola consiga desenvolver um efetivo olhar antropológico para os modos de vida dos jovens contemporâneos, que permita entender que as formas de ser jovem são inúmeras e o mais variadas possível, diversificadas conforme: gênero, raça/cor/etnicidade, classe social, território, religião, geração etc., da mesma forma como não há um único modo de ser aluno. A condição de aluno não é dada previamente, mas construída, ou inventada, como afirma José Gimeno Sacristán (2005), pela relação escola e aluno, mas também pelas múltiplas interações com família, bairro, cultura de massa, religião etc. Assim, cabe à escola propiciar a possibilidade de os jovens atuais experimentarem diferentes formas de ser estudante. E essas diferentes formas de experimentação do ser jovem/estudante estão profundamente atreladas às chamadas culturas juvenis. Articulações que os jovens estabelecem a partir das relações com a produção cultural de massa, com a elaboração de estilos distintivos e a articulação de práticas sociais em grupo ou em rede que se expande pelo espaço urbano.

Essa interrelação entre os diferentes modos de ser jovem e os diferentes modos de ser estudante mostra-se ainda mais fundamental entre os jovens das camadas populares, que já são marginalizados logo de início por sua origem socioeconômica, mas que estabelecem práticas culturais muitas vezes também elas marginalizadas. Atividades culturais como o *hip hop*, o grafite, a “pixação” (assim mesmo, com “x”, conforme os próprios jovens escrevem) e o contemporâneo e famigerado *funk* têm propiciado aos jovens espaços que, na maioria dos casos, a escola não consegue oferecer: 1) um espaço para que os jovens expressem o que pensam, sentem e desejam e 2) um espaço de reconhecimento, visibilidade e afirmação. No *funk*, no *hip hop* e mesmo em práticas criminalizadas como a “pixação”, aquele que se envolve mais na atividade juvenil da qual faz parte é reconhecido e reverenciado pelos colegas como alguém de respeito, destaque e compromisso.

Conseguiria a escola proporcionar tais espaços de expressão e reconhecimento? Espaços fundamentais especialmente para os jovens das classes populares, que são constantemente subalternizados e possuem poucas oportunidades de dizer o que sentem e de envolver-se em atividades nas quais se sintam valorizados. Não se trata, entretanto, de a

escola querer imitar ou encenar as práticas culturais juvenis de forma empobrecida e controlada, nem de criar cópias baratas e chatas de jogos eletrônicos ou grupos sociais na internet, mas se trata fundamentalmente de atender mais para essas diferenças, não as desmerecendo e descartando de antemão, mas procurando estabelecer algum tipo de comunicação com elas, para enriquecê-las e permitir aos jovens ampliarem seus repertórios culturais. Somente quando a escola for capaz de entender e respeitar as múltiplas alteridades que os jovens trazem é que ela será capaz de estabelecer uma autoridade legítima.

Referências Bibliográficas:

FEIXA, Carles. “La juventud fue uno de los primeros grupos sociales en globalizarse” (entrevistado por Catherine Galaz). In: **Boletín Semanal** n. 255, 20-26 fev. 2004.

GIMENO SACRISTÁN, José. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. “Alienígenas na sala de aula”. In: SILVA, Tomaz (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

KLEIMAN, Angela. “Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola”. In: KLEIMAN (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**. Campinas, SP: Papius, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

NOVAES, Regina. “Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias”. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes D; EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **“A maior zoeira”**: experiências juvenis na periferia de **São Paulo**. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH/USP, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-17112010-141417/en.php>

_____. “Jovens e rituais escolares”. In: DAUSTER, ROCHA e TOSTA (orgs.). **Etnografia e educação**: culturas escolares, formação e sociabilidades infantis e juvenis. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SIBILIA, Paula. “Do *homo* psico-lógico ao *homo* tecno-lógico: a crise da interioridade”. **Semiosfera – Revista digital sobre Comunicação e Cultura**, ano 3, n. 7, 2004.